

# O truque analítico e o infantil que se formaliza em uma história de Dostoiévski

---

Thalita Fontenele

## Resumo

Este artigo parte de *Um pequeno herói*, livro de Dostoiévski escrito em 1849 que versa sobre o final da infância de um garoto. Na história, o artista antecipa questões que Freud só levou ao público décadas depois e que concernem ao infantil ou ao que dele resta. Esse resto, desprezado pela ciência em sua formalização matemática, é material de trabalho do psicanalista. Aposta-se, portanto, em uma maneira de se servir da literatura em psicanálise que vá além do “roça-roça literário” denunciado por Lacan (1971/2003b) e que se volte àquilo que resta à maneira do “truque analítico”, um truque que é ao mesmo tempo lógico, poético e ético.

## Palavras-chave:

Infantil; Literatura; Formalização.

## The analytical trick and the formalizing infantile in a Dostoevsky story

## Abstract

This article is based on *A Little Hero*, a book by Dostoevsky written in 1849, which is about the end of a boy's childhood. In the story, the artist anticipates questions that Freud only brought to the public decades later, and which concern the infantile or what remains of it. This remainder, neglected by science in its mathematical formalization, is the psychoanalyst's work material. The focus, therefore, is on a way of using literature in psychoanalysis that goes beyond the “literary love fest” denounced by Lacan (1971/2003b), and that turns to what remains in the manner of the “analytical trick”, a trick that is at the same time logical, poetic and ethical.

## Keywords:

Infantile; Literature; Formalization.

## **El truco analítico e el infantil que se formaliza en una historia de Dostoievski**

### **Resumen**

Este artículo está basado en *Un pequeño héroe*, libro de Dostoievski escrito en 1849, que trata sobre el final de la infancia de un niño. En la historia, el artista anticipa cuestiones que Freud sólo hizo públicas décadas después y que se refieren a la infancia o a lo que queda de ella. Este resto, ignorado por la ciencia en su formalización matemática, es el material de trabajo del psicoanalista. Aquí, la atención se centra, por tanto, en una forma de utilizar la literatura en psicoanálisis que va más allá del “franeleo literario” denunciado por Lacan (1971/2003b), y que se dirige a lo que queda en la forma del “truco analítico”, un truco que es al mismo tiempo lógico, poético y ético.

### **Palabras clave:**

Infantil; Literatura; Formalización.

## **Le truc analytique et l’infantile formalisé dans une histoire de Dostoïevski**

### **Résumé**

Cet article est basé sur *Un petit héros*, livre de Dostoïevski écrit en 1849, qui raconte la fin de l’enfance d’un garçon. Dans le récit, l’artiste anticipe des questions que Freud n’a portées au public que des décennies plus tard et qui concernent l’enfant ou ce qu’il en reste. Ce reste, négligé par la science dans sa formalisation mathématique, est la matière de travail du psychanalyste. L’accent est donc mis sur une manière d’utiliser la littérature en psychanalyse qui dépasse le « frotti-frotta littéraire » dénoncé par Lacan (1971/2003b), et qui se tourne vers ce qui reste à la manière du « truc analytique », un truc qui est en même temps logique, poétique et éthique.

### **Mots-clés :**

Enfance ; Littérature ; Formalisation.

*Um pequeno herói* foi escrito em 1849, na cela de número 9 da Fortaleza de Pedro e Paulo, onde Dostoiévski passou meses encarcerado como preso político à espera de seu julgamento (Tanase, 2018). Diferente de tudo o que publicou na vida, essa singela história fala sobre os últimos momentos da infância de um garoto. Nela, Dostoiévski antecipa — inigualável artista que era — questões que Freud só levou ao público décadas depois. Mas, antes de abordá-las, é preciso falar um pouco sobre a importância da literatura para a psicanálise.

## A lógica do truque

Trata-se de uma importância lógica, se considerarmos certa perspectiva lacaniana. Sabemos que Lacan subverteu a lógica moderna, assim como o fez com a linguística, inspirando-se nelas em seu esforço pela formalização, porém sem deixar de levar em conta o que cai, o que sobra, o que escapa, ou seja, a matéria-prima da psicanálise. Assim, ele sustentou o fundamento freudiano e revolucionou o modo de transmiti-lo, a partir de uma formalização que considera a falta na estrutura — algo absolutamente insuportável para os lógicos matemáticos.

No *Seminário, livro 16*, Lacan (1968-1969/2008b, p. 93) explica que “a forma não é o formalismo”. “O formalismo na matemática”, diz ele, “é a tentativa de submeter esse discurso a uma prova que poderíamos definir nestes termos: assegurar o que ele parece ser, isto é, funcionar sem o sujeito” (Lacan, 1968-1969/2008b, p. 94). O formalismo da lógica matemática pressupõe uma linguagem sem equívoco e que deve ser “pura escrita”, enquanto a formalização da psicanálise se interessa justamente pelo que se equivoca, pelos resíduos em que se situa a presença do sujeito (Lacan, 1968-1969/2008b). É uma lógica própria e que não se resume a matemáticas ou grafos.

Já em 1971, Lacan (2009) falou sobre *lituraterra* no *Seminário, livro 18*, lição que acabou indo parar na sua coletânea de escritos. Ali, ele situa literatura e psicanálise como campos estrangeiros, mas que têm a letra, litoral, como fronteira. E nos lembra que “a literatura é uma acomodação de restos” (Lacan, 1971/2003b, p. 16), restos escritos, escritura que escava o vazio, que perdura, que se pode transmitir. Aí, encontramos um ponto em comum com a psicanálise. Em certa medida, a *acomodação de restos* pode ser traduzida pela *formalização do real* — um impossível que se pode transmitir, ainda que não-todo.

A literatura não parece, portanto, servir à psicanálise simplesmente como material de análise. Isso seria cair no “roça-roça literário pelo qual se denota o psicanalista carente de inventiva” (Lacan, 1971/2003b, p. 16). O próprio Freud (1928/2021c, p. 283), ao se referir a Dostoiévski, disse que, “diante do problema do escritor, a análise deve depor as armas”, e seguiu investigando, por outro lado, não exatamente sua neurose, mas como seu processo de invenção artística se estruturou tal qual uma neurose. Assim, antes da tentadora análise da criatura ou do criador, talvez nos sirva mais investigar como o criador constrói, ou melhor, formaliza, a questão da criatura. O que se transmite disso?

É claro que a literatura ajuda a mitigar a miséria humana — ainda mais em tempos como o nosso! —, e que bom que pode ser assim. Mas de que serve a literatura ao psicanalista? Como sujeitos, podemos até utilizá-la para aplacar a angústia, mas, como psicanalistas, ela pode nos servir à maneira do “truque”.

No *Seminário, livro 20*, Lacan (1972-1973/2008c) explica que a economia do gozo nos interessa e que o discurso analítico, diferente do científico, dá uma chance de encontrar algo sobre isso, embora por vias contingentes. Então, ele diz que “o truque analítico não será matemático” (Lacan, 1972-1973/2008c, p. 159),<sup>1</sup> uma vez que a psicanálise se interessa pelo resto que a ciência foraclui e que também chamamos de real — via pela qual se acessa o gozo.

Assim, podemos dizer que o truque analítico possui uma lógica, a qual tem a ver com a formalização do real. Será que a literatura possibilita extrair algo a respeito? Talvez, sim, se pensarmos na “prática da letra, na qual o literato, *litter rasuror*, precede o psicanalista” (Fingermann, 2012, p. 118). Dessa forma, o truque analítico não é apenas lógico, mas também poético e ético. A *poética* e a *ética* enlaçam o que a *lógica*, sozinha, deixaria escapar.<sup>2</sup>

## A poética do truque

A certa altura do ensino de Lacan (1974/2022), gozo e real estão intimamente relacionados. A consequência disso é lalíngua, matéria da linguagem, algo fora do sentido que faz “ronronar” todo o corpo e que, como a poesia, comporta um dizer não-todo. Nesse ponto, atribuímos à lalíngua uma poética. Se o inconsciente “é um saber que se articula a partir de lalíngua” (Lacan, 1974/2022, p. 34), então será que a literatura poderia nos dar algumas pistas sobre esse saber? Vejamos.

*Um pequeno herói* foi antes intitulado por Dostoiévski (1857/2015) como “Uma história de criança”. Ali, ele narra, em primeira pessoa, a agonia de um menino às voltas com a questão da sexualidade e do amor. A trama é tecida em um ambiente efusivo, cheio de ócio e de festa, em uma Rússia czarista plena de excessos. O narrador, já adulto, relembra momentos marcantes em que, com pouco menos de 11 anos, foi se hospedar na casa de um parente, em um vilarejo nas imediações de Moscou. “Havia muito barulho e alegria. Parecia uma festa que começara com o propósito de não acabar nunca” (Dostoiévski, 1857/2015, p. 7).

Lá, ignora as outras crianças e passa dias convivendo com belas mulheres, que, entediadíssimas de seus maridos, usam e abusam da companhia do menino. Elas lhe tratam como um boneco, fazendo-lhe cócegas, colocando-lhe no colo, acariciando-o e provocando nele uma série de conflitos. Vamos ouvi-lo:

---

<sup>1</sup> *Le truc analytique*, do francês, poderia ser traduzido por “a coisa analítica”, mas preferi seguir a tradução da Zahar.

<sup>2</sup> Livrentemente inspirado nas três noções — lógica, poética e ética — que Dominique Fingermann (2012) reúne em seu artigo e que, em 2014, mencionou em um seminário no Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza.

Muitas dessas belas mulheres ao me acariciar, ainda nem sonhavam em levar em conta a minha idade. Mas que coisa estranha! Já era dominado por uma sensação incompreensível a mim mesmo; alguma coisa já me sussurrava no coração, algo que ele até então ignorara e que lhe era desconhecido, mas por que motivo ele às vezes ardia e palpitava, como que assustado, e meu rosto quase sempre se cobria de um rubor intempestivo? Por vezes me sentia como que envergonhado e até mesmo ofendido por meus vários privilégios infantis. Outras vezes era invadido por uma espécie de assombro (...) parecia-me estar escondendo alguma coisa de todos, mas o quê, não revelaria a ninguém por nada no mundo, porque eu, que era pequeno, estava a ponto de chorar de vergonha. (Dostoiévski, 1857/2015, pp. 8-9)

Em meio a tal gozação, surge Madame M., uma dama com olhos tristes, “de angústia velada e secreta” (Dostoiévski, 1857/2015, p. 17), por quem o menino se apaixona. O menino não sabe o que fazer com esse sentimento e, então, uma cena interessante se apresenta: os adultos vão sair para uma excursão e ele percebe que não havia mais lugar nas carruagens. Havia apenas um cavalo bravo, garanhão rebelde e indomado, que ninguém ousava montar. Uma bela loira irritante que lhe tirara a paciência desde o começo do livro incita-o a subir nesse cavalo — “Não vai tentar, chorão?” —, colocando-o em uma situação de constrangimento diante da gargalhada dos outros. O menino, então, enche-se de coragem, sai correndo e monta o cavalo, que dispara loucamente com ele, até que uns homens possam pará-los. Desse galope, ele sai herói e passa a ser adorado por todos, que, depois disso, incluem o menino no passeio. É um ritual de passagem.

Assim, ele cria coragem para buscar a dama por quem se apaixonou. É um amor impossível por muitos motivos: não só porque ele é uma criança, e ela, uma mulher casada, mas porque o menino descobre o segredo da mulher. Isso não será revelado aqui. O que se pode dizer é que o garoto se aproxima dela e, depois de experimentar um primeiro e ardente beijo, o homem nos conta que sua infância acabou.

Curiosamente, um dia, Freud (1928/2021b, p. 55) relacionou a criança ao poeta, dizendo que “quando alguém que está crescendo deixa de brincar, nada mais faz a não ser esse empréstimo aos objetos reais; em vez de *brincar*, agora *fantasia*”. É isso o que atravessamos em análise e de onde extraímos um dizer.

## A ética do truque

Voltemos a Freud. “Se sempre voltamos a Freud é porque ele partiu de uma intuição inicial, central, que é de ordem ética. Acredito ser essencial valorizá-la para compreender nossa experiência, para animá-la, para não nos extraviarmos, para não a deixarmos se degradar” (Lacan, 1959-1960/2008a, p. 51).

No prefácio à quarta edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996, p. 126) diz assim: “Soubessem os homens aprender através da observação direta das crianças, estes três ensaios poderiam não ter sido escritos.” Incrivelmente, eles só foram publicados mais de 50 anos depois daquele livro de Dostoiévski! É o artista chegando antes, antecipando algo da irredutibilidade da estrutura.

O que se antecipa naquela história, então? A questão mesma que Freud (1905/1996, p. 163) chamou de “normatividade da pulsão sexual na infância”, e, sobretudo, o fato de que a infância é absolutamente uma posição de gozo. A infância ou o infantil? Essa diferença é importante, quando tratamos de psicanálise. A infância é um conceito situado no tempo e que se relaciona a fatores socioeconômicos, por isso ela não é igual em todas as partes do mundo. Sobre a sua invenção, podemos consultar Philippe Ariès (2006). Já o infantil tem a ver com o inconsciente e o gozo, é o que se apresenta do real na neurose e concerne ao trabalho psicanalítico. Talvez possamos dizer que a infância se refere a um tempo que comporta o infantil, o qual escapa às regras estatutárias. O infantil transborda, resvala, incomoda... Ele é o próprio galope na infância.

Percebemos essa estranheza galopante na cena em que o garoto é acariciado pelas mulheres. Ali, algo parece se exceder ao corpo. De fato, n’A *Terceira*, Lacan (1974/2022) é enfático ao formular que o gozo fálico se dá fora do corpo. Ele diz que é muito comum ver todos os dias relatos de “caras” contando que sempre se lembrarão de sua primeira masturbação, uma vez que isso rouba a cena. “Compreende-se bem por que isso rouba a cena: porque vem de dentro da cena” (Lacan, 1974/2022, p. 37). Mas, se o pequeno Hans (Freud, 1909/2021a) precisou fazer uma fobia a partir do pavor da experiência com o gozo fora do corpo, o garoto de Dostoiévski fez dessa experiência um ato heroico de ex-sistência.

A propósito, Dostoiévski (1857/2015) narra sua história como adulto, em um *nachtrag*, só depois, rememorando o acontecido. Nela, uma vez que o desejo se apresenta como índice do sujeito, podemos falar de uma saída da infância — não sem angústia, é claro, pois a angústia comporta algo do infantil. A cena do cavalo é emblemática: o garoto, em ato, sai da posição de objeto gozado pelo Outro e o enfrenta, ainda que em um galope desembestado, ocupando outra posição. Depois disso, passa a ser reconhecido como parte do bando, sai do gozo solitário em direção ao laço social. E isso ele faz por amor, para não passar vergonha diante de Madame M. É o amor fazendo o gozo condescender ao desejo — tal qual ensina Lacan (1962-1963/2005) no *Seminário, livro 10*. A mulher, como enigma, apresentando-se como impossível, lança o menino dividido para fora da infância. Temos um sujeito. Isso se vê na cena posterior em que ele descobre o segredo dela e decide eticamente o que fazer com isso.

A questão ética da psicanálise está articulada ao real (Lacan, 1959-1960/2008a), a como responder ao real, a partir de si, portanto, a partir de um dizer absoluta-

mente singular. Trata-se de uma ética que concerne ao sujeito, outra questão que a literatura, pela prática da letra, pode nos ajudar a desvendar.

### **De resto...**

Este artigo propôs uma maneira de se servir da literatura em psicanálise pela via de um truque que é ao mesmo tempo lógico (formaliza-se), poético (foge-se ao sentido) e ético (articula-se a um dizer). São questões clínicas, adaptadas aqui, que advêm de uma pesquisa em pleno exercício, as quais devem ser aprofundadas depois, em outros textos...

De todo modo, ao psicanalista convém “lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho” (Lacan, 1965/2003a, p. 200). À maneira do truque analítico, tenta-se ir além da palavra preta de sentido e se servir da “prática da letra”, que, por outro lado, “converge com o uso do inconsciente” (Lacan, 1965/2003a, p. 200).

Isso faz lembrar um garoto, bastante interessado por literatura, que, certa vez, disse em análise assim: “Mãe quer me proibir de ler livros de suspense porque acha que são muito violentos, mas eu não me importo com a violência! Quero saber é como os autores fizeram para criar aquela história, como os personagens são montados, o que tem por trás...” (*sic*). Na função de analista, também se deve seguir essa lógica: não é o texto dos personagens o que de fato interessa, senão a estrutura mínima da cena, os significantes irredutíveis que ultrapassam o sentido e apontam para a singularidade espetacular, o real, de cada sujeito.

### **Referências bibliográficas**

- Ariès, P. (2006). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Dostoiévski, F. (2015). *Um pequeno herói*. São Paulo: Ed. 34. (Trabalho original publicado em 1857)
- Fingermann, D. (2012, junho). Da lógica da interpretação à prática da letra, *Stylus: Revista de Psicanálise*, 24, 117-124. Recuperado em 10 de outubro, 2023, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n24/n24a12.pdf>
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade e outros trabalhos. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. VII, pp. 117-240). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2021a). Análise da fobia de um garoto de 5 anos. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud: histórias clínicas* (pp. 173-327). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1909)

- Freud, S. (2021b). O poeta e o fantasiar. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas* (pp. 53-64). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1928)
- Freud, S. (2021c). Dostoiévski e o parricídio. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud: arte, literatura e os artistas* (pp. 117-240). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1928)
- Lacan, J. (2003a). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1965)
- Lacan, J. (2003b). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1959-1960)
- Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1968-1969)
- Lacan, J. (2008c). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1972-1973)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1971-1972)
- Lacan, J. (2022). *A terceira*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original proferido em 1974)
- Tanase, V. (2018). *Dostoiévski: biografia*. Porto Alegre: L&PM.

**Recebido:** 01/07/2022

**Aprovado:** 15/07/2022